



Director literario:
António de Almeida
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

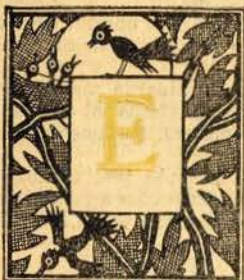
Director artistico:
Eduardo Collaço
 PAPUSSE



O TESOURO DA MONTANHA

Por JOSÉ CONSTANCIO MACHADO

Desenhos de TIO TÓNIO



Em tempos que já lá vão havia, em um reino muito longe, uma medonha montanha coberta de densas matas, aonde estava um riquíssimo tesouro defendido por animais ferozes. Por isso, não havia ninguém que se arriscasse a ir buscá-lo, porque, decerto, perderia a vida.

O rei daquele país, andava muito desgostoso de ter uma tão grande riqueza, e não a possuir. Resolveu, então, dar a sua filha

em casamento a quem fosse capaz de lhe trazer o tesouro, ou, pelo menos, entrar na montanha.

Todos os rapazes daquele tempo, desde o mais nobre ao mais humilde plebeu, andavam anciosos para caçar com a filha do velho rei, mas uma larga parede os separava de tal aspiração: — a dificuldade em atingir a montanha.

Passados alguns dias, um pobre rapaz foi apresentar-se

ao rei, dizendo ir, no dia seguinte, buscar o tesouro, se ele, em paga, lhe desse a filha em casamento.

O rei disse-lhe, então:

— Vai, se de tal feito fores capaz, a minha filha será tua.

No dia seguinte, o rapaz despediu-se de toda a gente e lá foi.

Decorridas algumas horas de caminho, já próximo da montanha, ouviu ele os rugidos do leão, do urso, dos elefantes, o uivar do lobo e o bramar dos tigres, que pareciam querer devorá-lo, que o obrigou a voltar para trás, e a dizer ao rei ser-lhe impossível possuir aquele tesouro.

Passados mais alguns dias, tornou a apresentar-se outro rapaz, propondo ir à montanha, e ao qual o rei objectou:

— É um impossível o que pretendes conseguir, pois as feras te devorarão!

Contudo, o rapaz não se conformou com o que o rei lhe disse, e partiu.

Quando se aproximou da montanha, ouviu tão medonhos rugidos que as pernas lhe vergaram, e sentiu-se sem coragem de seguir o caminho. Ali esteve alguns minutos vendo

as densas matas que revestiam a montanha, mas logo voltou para trás, assustado com os rugidos e a escuridão que o envolvia.

O rei, já sem esperança de possuir tão grande riqueza, declarou que a daria a quem fosse capaz de lá ir.

Por toda a parte se falava nas riquezas da montanha. Diziam ser um rochedo de pedras preciosas, e que era uma pena não haver quem possuísse semelhante fortuna.

Largos anos passados, o rei, já velho, sentindo-se moribundo, disse para a filha:

—Quando o tesouro se descobrir, voltarei para o palácio, e, dizendo estas palavras, a morte desceu sobre o leito.

Houve grandes desgostos; a corte vestiu-se de luto, os passarinhos do jardim deixaram de cantar os doces hinos que todas as tardes se ouviam à sombra dos arvoredos.

Passado mais algum tempo, ouviram-se uma noite, no palácio, grandes estoiros, uivos e gritos, ao ponto de parecer que tudo ruía, e, ao mesmo tempo, uma voz que dizia:

« Quem na montanha entrar,
Meu encanto há-de quebrar. . . »

Toda a gente do palácio ficou assustada por tão estranho acontecimento.

Na noite seguinte, tornaram-se a ouvir os mesmos gritos e a mesma voz da noite anterior. A princesa, filha do rei, ordenou então que fossem colocadas sentinelas em todos os corredores do palácio, para descobrirem donde partiam os gritos.

Na noite seguinte todas as sentinelas se colocaram nos lugares indicados, em completo sossego; passaram-se horas dum profundo silêncio. Súbito, noite alta, tornaram-se a ouvir os gritos e as sentinelas correram logo para o ponto donde elles partiam mas tudo lhes foi balado.

No dia seguinte, apresentaram-se à rainha, dizendo-lhe que só se poderia acabar com aquele mistério no palácio no dia em que o tesouro se descobrisse. (As sentinelas desconfiavam que fosse a alma do rei, porque os gritos se ouviam no quarto onde elle tinha morrido).

A rainha mandou, então, deitar sortes a fim de que alguém fosse à montanha sob pena de ser metido num subterrâneo e morto à fome.

Deitaram-se as sortes e logo a sorte destinou que subisse à montanha um pobre pagem da rainha. O pagem chorava constantemente e lastimava a sua sorte, porque decerto seria tragado pelas feras, mas não teve outro remédio e dispôs-se à grande aventura.

Despediu-se de todos os criados do palácio, e lá foi. . .

A' medida que ia subindo a montanha, os rugidos das feras iam crescendo, crescendo, ressoando mais forte. O pobre pagem, contudo, ia sempre avançando, embora maldizendo a sua triste sorte.

Nisto, um leão surgiu. Ao vê-lo, o pobre pagem atirou-se por terra. A fera, então, armando um grande pulo, tombou sobre o infeliz que, entre gritos dilacerantes, foi despedaçado pelos dentes e as garras do leão.

Como, passados dias, o pagem não voltasse, ordenou a rainha que novas sortes fossem deitadas.

Quiz o destino, que elas fossem recair, desta vez, sobre um pobre servo do palácio que se chamava Eduardo, e que, ao receber a triste nova de que fora elle o destinado, até desmaiou.

Recuperando os sentidos, sentou-se debaixo de uma árvore, despediu-se do sol e dos passarinhos que cantavam à sua volta e, metendo-se a caminho da montanha, dispôs-se a morrer.

Ainda não havia dado dois passos, surgiu-lhe um velho de longas barbas brancas a pedir-lhe uma esmola. Com os olhos raios de água, o pobre servo tirou dum bolso todo o dinheiro que trazia e deu-o ao mendigo, dizendo:

—Toma. Se mais tivesse mais te daria, pois já de nada me serviria!

Então o velho, que não era outro senão Nosso Senhor disfarçado, perguntou-lhe, para o experimentar, a razão porque assim falava. Logo Eduardo, desabafando, contou:

—E' que fui encarregado de ir buscar o tesouro ao cimo da montanha e, decerto, serei tragado pelas feras, como tem sucedido aos mais.

—Toma esta corrente de ferro—disse-lhe, então, o mendigo— não faltes às ordens dos teus superiores! Quando te vires aflito, chama pelo velho das barbas brancas e verás que as feras te não farão mal. Vai, e não desanimes!

—Ai, meu bom velho— respondeu Eduardo— se assim fôr, como serei feliz!

Confiado, partiu. Em dado momento, viu uma águia no chão com uma asa partida. Ergueu-a, tratou-a carinhosamente e pô-la a voar em poucos minutos. Mais adiante, encontrou um rio. Vendo que lhe era impossível passar para a margem oposta, chamou pelo velho das barbas brancas, que logo fez deparar-lhe uma linda ponte por onde atravessou. E assim foi continuando o caminho até chegar à montanha. Começou logo a ouvir os primeiros rugidos e ficou tão assustado que sentiu tentações de voltar para trás. Contudo, lembrando-se das palavras do velho das barbas brancas, prosseguiu a sua marcha, até que deparou com o primeiro leão. Chamando o velho, avançou para o leão que, manso como um cordeiro, se deixou prender à corrente, e assim foi continuando o caminho até ao ponto onde devia estar o tesouro.

Quando lá chegou, ficou como doido, de alegria, ao ver que todas as feras se entregavam à prisão e que tudo era ali de diamantes e de ouro.

Faltava agora quem levasse a nova ao palácio. Chamando novamente pelo velho, logo viu surgir a tal águia, perguntando-lhe o que desejava. Meteu-lhe no bico um bilhete e mandou que o levasse ao palácio onde, ao chegar, deixou toda a corte num alvoroço ao saber-se que estava conquistado o tesouro.

Decorridas algumas horas, chegou Eduardo com quatro leões e um tigre presos à corrente. Qual não foi o seu espanto ao ver outra vez o rei, tal como era, finalmente desencantado.

A montanha transformou-se num lindo jardim, houve grandes festas no palácio, Eduardo casou com a princesa e lá estariam ainda, muito felizes, se, já muito velhinhos, não tivessem morrido.



ESPERANÇA

POR FERNANDO A. SIMÕES

Desenhos de EDUARDO MALTA

MÃE! Minha mãe?! Onde está? Oh! que felicidade! Uma senhora dos seus 45 anos, costumava tranquilamente no vão da janela de uma sala, cuja porta, abrindo-se de repente, deu passagem a um rapaz alto, forte, de feições energicas, cuja idade deveria andar pelos 19 anos. Mal entrou no aposento, avistou sua mãe que se levantara muito admirada, e correu para ela, agitando na mão um jornal.

—Que tens tu, Jorge? Porque estás tão contente?

—Ah minha mãe! O meu pai, repare bem, o meu pai... está salvo!

—Salvo! murmurou a boa senhora, juntando as mãos para agradecer ao céu aquela felicidade inesperada.

«Mas conta-me, Jorge, êle... voltou já?

Não, minha mãe, nem ninguém o viu ainda, mas, no entanto, tenho a certeza de que está salvo.

—Mas como? Como sabes tu...?

—Ouça.

Desdobrando o jornal, procurou o artigo que queria ler, e, sentando-se numa cadeirinha baixa, leu-o a sua mãe. Dizia assim:

O NAUFRÁGIO DO NEPTUNO

Aparece o único sobrevivente

«A bordo do navio espanhol «Carmen», que voltou da pesca do bacalhau, na Terra-Nova, chegou ontem a Lisboa, o único sobrevivente de toda a tripulação do «Neptuno», barco que, como se sabe, deveria ter naufragado, pois que, durante meses, notícias algumas nos chegavam, referentes a êle.

Tendo saído da praia da Nazaré, não mais voltou a dar sinais de si.

Como algum tempo depois dêle sair de Portugal, exactamente o tempo preciso a um veleiro para chegar à Terra-Nova, rebentou nas costas desta ilha uma espantosa tempestade, seguida três dias depois de outra semelhante, calculou-se sensatamente, que o barco, movido à vela, e não tendo as condições necessárias para resistir a uma tempestade como aquela, havia forçosamente de ter naufragado.

Fizeram-se pesquisas em quasi toda a distancia que vai

dos Açores à Terra-Nova, pesquisas que, como se sabe, resultaram absolutamente infructiferas.

Tudo passa, e o povo, que durante 15 dias esperava ansioso noticias do «Neptuno», esqueceu-o pouco a pouco, e agora, apenas as familias dos tripulantes choram a sua perda.

Mas eis que na Capitania do Porto de Lisboa, aparece

um individuo que diz chamar-se Carlos Lourenço, e afirma ser o unico sobrevivente do «Neptuno». Como é natural, o caso chegou aos nossos ouvidos e pressurosos, na áncia de bem servir os leitores, lá fomos à Capitania, onde Carlos Lourenço se encontra, esperando o reconhecimento da sua identidade.

Fomos encontrá-lo sentado num banco, com os cotovêlos assentes nas pernas e a cara encostada às mãos, pensando certamente nas aventuras por que passou, que nós vamos relatar, e que são dignas da pena de Edgar Poë, o autor das famosas aventuras de Robinson Crusse.

Dissemos-lhe ao que iam: —solicitar-lhe uma entrevista em que nos contasse os transe por que passara, desde a sua saída de Lisboa até à sua volta.

Imediatamente se levantou; passámos ao gabinete do sr. director, onde estávamos livres de curiosos, e aí nos narrou o que se segue:

—Deviam faltar apenas dois dias para chegarmos à Terra-Nova, quando se deu a catástrofe de que fomos vítimas.

Todo o dia esteve chovendo, e à noite juntaram-se sobre nós algumas núvens de tenebroso aspecto. As 9 horas a tempestade rebentou, terrivelmente furiosa. A principio estávamos convencidos de que seria questão de horas, e que em breve nos veríamos livres de perigo.

Mas depois, vimos as horas passarem e a tempestade, em lugar de abrandar, aumentava sempre de furor.

A uma hora, o casco já velho principiava a meter água, e o vento, juntando a sua acção à das ondas, arrastá-vas para o norte com uma velocidade inaudita.

As três horas, estando nós convencidos de que a morte

nos espreitava já, unimo-nos todos, e abraçados uns aos outros, chorando apenas a pátria que não mais veríamos, preparámo-nos, como bons cristãos, para morrer.

Pouco depois, avistámos uma sombra gigantesca: era uma ilha.

Entreolhámo-nos, com um relâmpago de esperança no olhar, relâmpago que os nossos lábios se não atreviam a traduzir por palavras, receando enganar-se.

Mas em breve nos desiludimos; a ilha era toda formada de rochedos, e com a velocidade com que o vento nos arrastava, iamos esmigalharnos ali;

Foi o que succedeu.

Meia hora depois, sentiamos um choque

formidavel; fomos precipitados de encontro uns aos outros; alguns com o balanço, saltaram a amurada, indo logo cair à água.



(Continua no próximo número)

A FLOR DA BONDADDE

Por **MARIA BRANCO**

Desenhos de Ed. Malta



A cela, o pobre japonzinho meditava...

Havia dois anos, dois longos anos que fugira precipitadamente do seu lindo lar.

Revia a piroga que o transportou com sua mãe semi-morta de dôr, até àquela aldeola ignorada, escondida entre arrozais, donde voavam flamingos rosados e nevadas garças brancas.

Seu Pai, convertido ao catolicismo, sofrera uma falsa denúncia...

Agitada pelos bonzos, a população ébria e sanguinária arrombara as portas do palácio e entrara de escantilhão pelas belas salas repletas de artísticas preciosidades.

Escondendo a mulher e o filho no pavilhão de bambús, dando-lhes os conselhos necessários para a fuga, o Príncipe apresentara-se dignamente ante essa onda de revoltados, que o arrojou até ao cárcere.

Talvez tivesse sido condenado à morte!

E a doce Mãe onde andaria ela?

Despojára-se das suas pérolas, dos maravilhosos kimonos de sêda, para ajuizar com estas riquezas, as bolsas dêsse negociante hespanhol, a quem apressadamente confiava o filho.

— «Que nada faltasse a seu infante, que as notícias chegassem em todos os paquetes», recomendara anciosa, ao mercador embardiço que, todos os anos, lhe vendia coloridos chaites andaluzes,

A verdade triunfaria, o imperador rehabilitá-los-ia e volveriam felizes, novamente a habitar a mansão de paz, rodeada pelos mais belos crisântemos e pelas maiores flores de lotus!

Do seu país, não avistava agora mais do que o cone verdeo das montanhas. O navio largara de manhãzinha.

Ignorando as lágrimas, não chorou êsse filhito do Sol-Nascente, lá no fundo da sua almazinha azul-celeste qualquer coisa de muito caro esfarrapou-se dolorosamente.

Animou-o carinhosamente o companheiro, até à Europa. O barco fundeára em Málaga.

Yamato vestiu grossas calças de burel, com fundilhos de outro tom, envergou largo casaco de cotim, onde o corpioto franzino bailava, entendiando na cabeça certo enorme boné sebento que ridiculamente entrava até aos olhos.

Passaram-se alguns dias.

O príncipe europeizado, empurrava, a custo, o carrinho de verga distribuindo o pão na vilazinha de X.

Era a troça do rapazio, curiosamente atrevido, o melhor reclame para a nova padaria.

O guarda tornara-se patrão, obrigando Yamato a correr velozmente todo o dia.

Para o estimular lembrava-lhe como no Japão, os seus irmãos pòbrezinhos, êsses juis-juis desembaraçados e flexíveis são os melhores postilhões do mundo inteiro.

Conseguia fazer-lhe balbuciar quatro ou cinco palavras, o indispensável para entregar o pão e fazer os trocos.

Sua lúcida inteligência auxiliava-o, evitando, um dia por outro, o castigo das cordas.

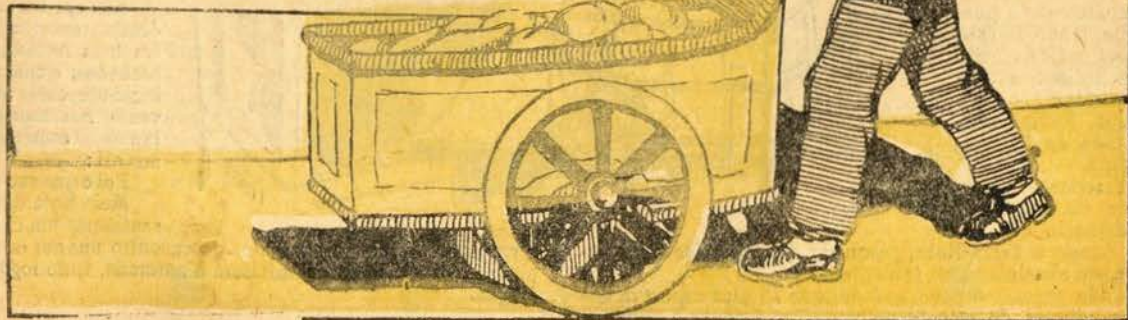
Todas as manhãs, porém, seus olhos misteriosamente sentimentais procuravam coragem, nos resignados Jesús crucificados que pelas capelinhas encontrava, bem como de noite apertava contra o peito certa medalhinha que sua mãe lhe oferecera três anos antes: uma flôr singela, côr de limão, a flôr da bondade.

Quando entrava nas igrejas, escondia sempre o seu carrinho de rodas, não fossem os garotos brincar êle.

Como admitir, então, o desaparecimento da cesta que êle guardara na véspera entre um renque de miospóros?

No entanto não havia dúvida que tal sucedera, pois que o espanhol o entregara à prisão depois de o ter chicoteado valentemente.

Com nove anos apenas o nipónico não suspeitou, sequer, que o patrão, arditosamente, se desfazia dêle...





*
* * *

Achou portanto natural que dois dias mais tarde o polícia lhe apontasse uma carta com a suspensão da queixa.

—«Vai-te embora rapaz! vai-te embora!

Não entendera bem mas, seguindo o gesto que o guarda esborça-a, percebeu que estava livre.

Dirigiu-se a seguir à padaria.

—«Teu patrão vendeu tudo isto, vai-te embora chinês!» rouquejou-lhe um gaiato da sua idade e que agora estava às portas da quitanda.

—«Embora, onde?» perguntou a muito custo o príncipezinho?

O José estendera-lhe a mão repartindo com êle alguns tremoços, respondendo ao acaso:—«Sei lá!»

Nesta altura o visinho carpinteiro que fôra, em moço, valente marujo e que possuía uma paixão pelo Japão—a Terra encantada, abeirou-se de Yamato articulando frases arrevesadas.

—«Fica comigo, trabalharás pelo sustento.»

Acompanhava esta miscelânea de inglês e japonês com toda a mímica possível.

Yamato sorriu, e nessa tarde regou a hortazinha, varreu a casa de trabalho.

Um album, enodoado de moscas e de manchas gordurosas, atraiu a atenção do aprendiz.

Folheando-o, sentiu abrir-se em leque o feixe das varetas da sua saudade.

Eram suavíssimas paisagens nipónicas!

Ter sido ali um príncipe!

Ao miserável estrangeiro, esta idéa perturbava-o, confundia-o.

Observando o quarto do Sr. Joaquim avistou duas esteiras pintadas, representando garridas japonezinhas brincando, a sorrir, com frescas flores de amendoeira.

Yamato levava toda a semana trabalhando, mas a chegada do domingo enchia-o de interminável tédio.

O Sr. Joaquim passava êste dia na taberna, gastando as economias,

Nunca mais podera visitar um templo, nem escutar o mar!

Que infinitas saudades!

Existia próximo da taberna, um oiteirinho revestido de pinhal.

Yamato refugiava-se ali.

Fechando os olhos, ouviu embebecido.

O vento coando-se pelas agulhas dos pinheiros bravos. imitava o rugir do Oceano, o quebrar das ondas, a plangente melopeia do belo mar!

Resou então a Deus, o pequenino abandonado!

*
* *

O tempo, incansável na sua marcha rodava, rodava...

Yamato era agora exímio tão em trabalhar o calçado que a fama chegou até à cidade mais próxima, donde o desafiaram, acenando-lhe com mais dinheiro.

Recusou. Dedicara-se ao Sr. Joaquim que o amparava na sua desgraça, que lhe tagarelava da sua pátria ausente e que oh! bom Deus, conseguira corrigir. Não mais entrava em tabernas e perflhara seis sobrinhos órfãos, que agora habitavam com êles.

Yamato vestia-os com os seus ganhos, e à sua custa reformara a casinha desleixada.

Pintadinha de novo, parecia outra!

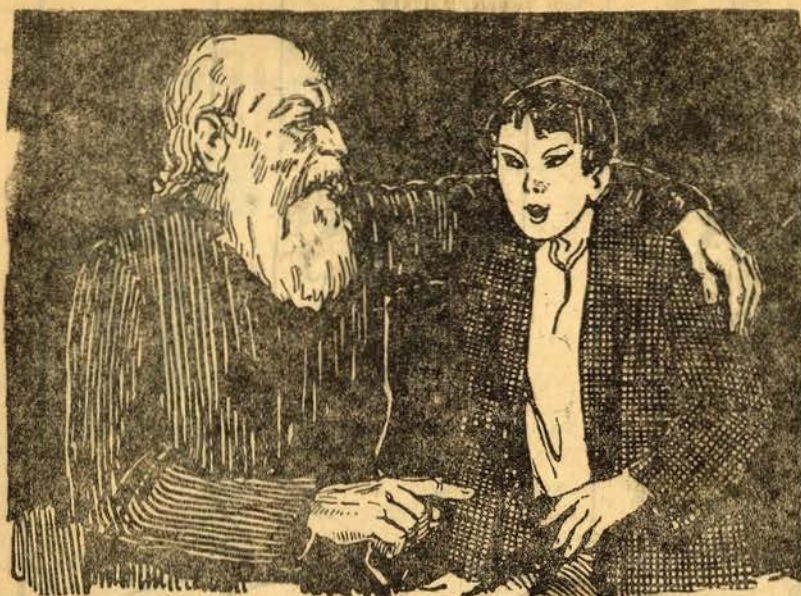
Ao lado da horta, cresciam roseiras que se desfaziam em botões. Mas Yamato comprara, também, certa caixinha preguçada, onde começava a juntar dinheiro...

Acalentava um sonho deslumbrante!

Regressar às suas ilhas, investigar de seus adorados Pais!

Ora, já quando possuía a metade da quantia desejada, Yamato soube da morte da pobre Luiza, que era o amparo da sua mãezinha cega!

Ao pescoço, a medalhinha telintou... falava a flôr da bondade. Não hesitou em espaçar por mais uns meses a sua adorada ambição, indo oferecer à ceguinha as economias de dois anos.



A aldeia consumia-se em girândolas de foguetes.
A filarmónica fôra à cidade, esperar o bom missionário V. Z., que voltava velhinho à sua terra-natal, depois de trinta e nove anos de apostolado pelo Extrêmo-Oriente.
Levantara muito desgraçado, abrandara tanta crueldade!
Esses paizes de sol ardente, e costumes bizarros, deviam-lhe a serena bondade que a mãos-cheias distribuira.

Anoitecera.

Yamato fixou o céu picadinho de constelações.

Adoçou-lhe o espirito certa suave recordação.

Reviu a scena encantadora...

Quando foi baptisado, seus Pais ornamentaram os jardins maravilhosos com balões dourados, representando estrelas, que perfuravam de luz as gardénias e os ciclanenses em flor.

Doidos enxames de insectos voltijavam em torno d'esses pontos fosforescentes.

Os amigos e os Pais envergavam vestes magnificas, de sêdas tão macias como os fios de mar. Ele, com seis anos apenas, enroupava-se em um kimono amarelo-vivo, com pavões e borboletas, pintadas por certo grande artista nipónico.

Quantos brinquedos, quantas guloseimas!

A noite estava serena e tépida como a de hoje e dentro de si a mesma doce tranquillidade o sensibilisava.

Como era meigo o sorriso dos Pais!

E como estavam boquiabertos os pobres pequeninos nadadores da sua ilha!

Em chusma, aglomeravam-se às portas do palácio.

Yamato dera-lhes frutas e peixes doces...

Mas eles permaneciam extasiados!

Como os compreendia agora bem!

Estavam sedentos dos brinquedos nunca abraçados e cobiçosos d'esses extraordinários balões-estrelas jámais visto!

Ajudado pela mãe, ofereceu-lhes bugigangas caras, e desnudaram as árvores de seus brilhantes focos luminosos.

Os jardins amorteceram...

A festa findara.

Descendo à praia, a rapaziada cantava alegremente!

Como por encanto, as estrelas do Céu, baixavam, baixavam luzindo muito, tocando a terra.

Yamato adormecera sorrindo...

Yamato mal podia suster-se em pé.
Que delírio! Estaria bem acordado?
Vira aparecer o seu grande amigo o bom missionário!

Acercára-se d'ele e falara-lhe na sua saudosa lingua japonesa!

— Uma agitação chinesa obrigara o Pai a partir, defendendo, a pátria. De tal fórma soubera vencer, que o Imperador o cumulava de gloriosas honrarias.

Mas, para os ensaifados pais, todos êsses louvores de nada valiam.

Que teria acontecido a seu único herdeiro, ao lindo Yamato?

O mesmo barco os trouxera comovidos a Vigo, onde tentavam informações a peso de oiro — disséra-lhe o trémulo sacerdote.

Telegrafou-se, imediatamente, aos desolados orientais.

Acorreram jubilosos.

Não se descreve a alegria de todos.

Não se beijaram, pois no japão os homens desconhecem essa delicada expansão de carinho, mas o narizito materno não se cansava de aspirar Yamato — e afinal para êles isto é a mesma coisa.

Importantes cheques foram passados pelos Príncipes.

A Aldeiasinha X recebera a dádiva para asilos, hospícios e hospital.

Não ficou um único pobre.

O tio Joaquim não podia suportar a idéa da ausência de Yamato.

Com os sobrinhos, fazia tal alarido que Yamato implorou dos pais para que êles o acompanhassem ao Japão.

(Continua na última página)



HORA do RECREIO

Um canhão

Caros sobrinhos:

Eis um canhão capaz de derrubar exércitos inteiros dos vossos soldados de cartão!

Já podem agora, travar combates do alto das fortalezas, pois que estas providas de meia dúzia de canhões, resistirão com vantagem aos mais fortes assédios. Tornam até, desta fôrma, as guerras entre soldadinhos, mais interessantes.

Depois entram em acção os «tanks», que brevemente virão publicados, subindo e destruindo as trincheiras de terra, emquanto a «artilharia» actúa na rearguarda. Como estão vendo pelas gravuras, nada tem de difícil a «engenhoca» de hoje.

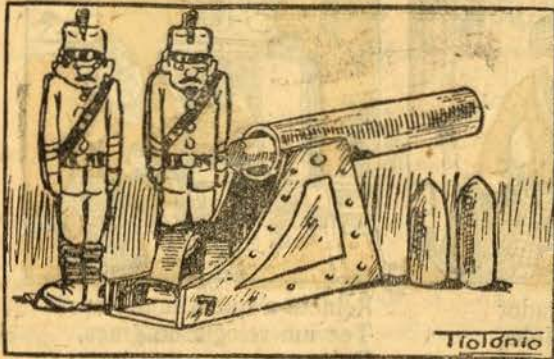
Uma armação de madeira fina, uma mola de aço (de espartilho), um arame que segura a ponta livre da mola, projecteis de pau e... mais nada.

O funcionamento depressa se compreende desde que se estudem com atenção as gravuras.

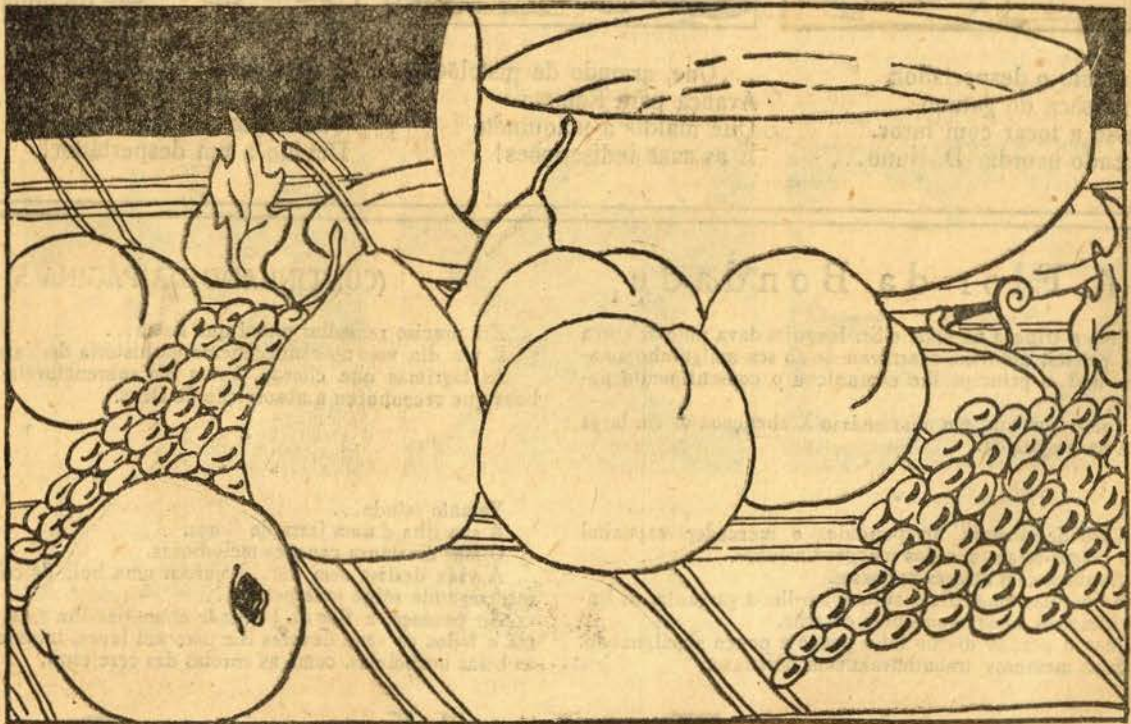
No próximo número, responderei às cartas que me tem dirigido,

Vosso
TIOTÓNIO

Rua do Século, 43



PARA OS MENINOS COLORIREM



DESPERTADOR INDISCRETO



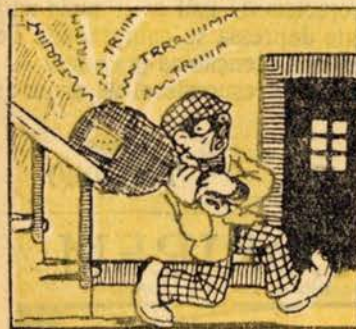
Alta noite de luar,
Reineta, ousado gatuno,
Resolveu ir assaltar
A habitação de D. Nuno.



Emquanto o despertador
Não retine a campainha,
Dorme na paz do Senhor,
D. Nuno em sua caminha.



Reineta a quem muito apraz
Ter um relógio de graça,
Deita-o na saca que traz,
Entre saquinhos com massa!...



Mas nisto o despertador,
Já na saca do gatuno,
Põe-se a tocar com furor,
Fazendo acordar D. Nuno...



...Que, armado de pistolões,
Avança para Reineta
Que maldiz a maquineta
E as suas indiscrições!



E eis agora, a soluçar,
Cheio de máguas e dor,
Quem tem um mau despertar
Devido a um despertador!

A Flor da Bondade

(CONTINUADO DA PÁGINA 5)

Com a tripeça na mão, o Sr. Joaquim dava pulo de corça e os petizes, atônitos, agarravam-se ao seu amiguinho amarelo, mal o príncipe lhe comunicou o consentimento paterno.

Todos sorriam, e o missionário X abençoou-os em larga cruz na despedida.

Verdadeiramente arrependido, o mercador espanhol veio lançar-se aos pés dos monges Cartuxos,

Expiava com atrozes remorsos,

As pérolas magníficas sufocavam-lhe a garganta, os lindos kimonos apertavam-lhe o coração.

Mas o perdão divino foi-o pouco a pouco apaziguando. Seus membros trabalhavam sem descanso,

Era preciso remediar o mal que fizera...

E um dia veio ao conhecimento da história de Yamato. As lágrimas que chorou, foram tão sobrenaturalmente boas que reconheceu a absolvição de Deus.

Yamato estuda...

A sua ilha é uma jarra de flores,

O mar murmura canções melodiosas.

A vida desliza sem dór... parece uma bola de cristal, escorregando sobre jade polido...

Ao pescoço, a flor da bondade aromatisa-lhe a existência e todos os seus deveres lhe parecem leves, leves como as belas borboletas, como as corolas das cerejeiras.